

UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO
CURSO DE JORNALISMO

LARISSA KELLY COSTA VIEIRA

**LIVRO-REPORTAGEM: LIBÉLULA: RELATOS DE RESISTÊNCIA À DITADURA
MILITAR EM RIBEIRÃO PRETO**

RIBEIRÃO PRETO

2023

LARISSA KELLY COSTA VIEIRA

**LIVRO-REPORTAGEM: LIBÉLULA: RELATOS DE RESISTÊNCIA À DITADURA
MILITAR EM RIBEIRÃO PRETO**

Relatório apresentado à Universidade de
Ribeirão Preto como requisito para a obtenção
do título de bacharel em Jornalismo

Orientador: Prof. Me. Murilo Pinheiro.

RIBEIRÃO PRETO

2023

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de Processamento
Técnico da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

VIEIRA, Larissa Kelly Costa, 2001-
V658L Libélula: relatos de resistência à ditadura militar em Ribeirão Preto
/ Larissa Kelly Costa Vieira. – Ribeirão Preto, 2023.
114 f. : il. color.

Orientador: Prof.^a Me.^a Murilo Silva Pinheiro.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade de
Ribeirão Preto, UNAERP, Jornalismo, 2023.

1. Ditadura Militar – Ribeirão Preto. 2. Brasil – História – 1964-
1985. II. Título.

CDD 070

AGRADECIMENTOS

Durante toda a produção deste livro, flertei com esta página em branco destinada antecipadamente para abrigar meus agradecimentos. Por vezes, tentei iniciar a escrita, mas posterguei. Escrever um livro representa para mim um sonho antigo e, por muitas vezes, desacreditado. Poder, finalmente, palpar a realização deste sonho que hoje se materializa em minhas mãos soa um tanto quanto inacreditável. Chegar até este resultado final, abordando um tema de tamanha importância por meio da escuta atenta de histórias vivas que o tempo não foi capaz de apagar, me transborda de gratidão.

Eu, que não sei controlar o desconforto e timidez ao ser elogiada, me atrevo a cumprir um desafio de dedicar algumas palavras de agradecimento mim mesma. A vida nem sempre parece fazer sentido e está longe de ser justa. Todos os dias, em cada cantinho do mundo, coisas ruins acontecem e pessoas são obrigadas a desistirem de sonhos, por mais lindos, justos e honestos que eles sejam. Em uma sociedade desigual, onde fome, pobreza, miséria e injustiças ainda fazem parte da realidade, toda e qualquer conquista merece, e deve, ser celebrada.

Para alguns, decidir qual profissão seguir, ingressar na faculdade, apresentar um Trabalho de Conclusão do Curso e ter um diploma de graduação nas mãos pode não significar nada, ser apenas mais algumas etapas burocráticas da vida, seguidas por influência dos pais ou algo semelhante. Mas, para mim e para uma grande parcela da população, concluir esse ciclo é uma oportunidade de mudança de realidade, não só minha e da minha família, mas do mundo ao meu redor. Escolhi o jornalismo justamente por me enxergar nessa profissão como um agente social, movido pela ânsia de celebrar as conquistas de quem mais precisa que elas se tornem realidade.

Em quatro anos de curso, superei muitos desafios, mas a luta começou muito antes de cruzar os portões da universidade. Deixando as questões pessoais de lado, agradeço àquela menina de olhos atentos, estudiosa e com vontade de crescer depressa. Agradeço pela importância que sempre depositou na educação, pelas madrugadas afóra que passou estudando para o vestibular e por conseguir conquistar uma vaga de bolsa integral no Programa Universidade para Todos (ProUni). Sem isso, não estaria aqui.

Num país como o Brasil, é preciso que nunca esqueçamos de nos enxergar dentro da sociedade. Somente esse complexo exercício é capaz de nos fazer compreender os níveis de nossos privilégios e dos que nos rodeiam. Condições físicas e mentais, status econômico, gênero, sexualidade, cor de pele e fenótipo são alguns dos marcadores sociais que influenciaram, de forma positiva e negativa, minha chegada até esse ponto. Por todos os

percalços da vida, me parece justo reconhecer que chegar ao final deste ciclo não foi fácil, mas teria sido infinitamente mais difícil sem o apoio de tantas pessoas especiais que cruzaram meu caminho.

Sou grata em proporções imensuráveis à minha irmã, por toda a ajuda e zelo de irmã mais velha que antecede este projeto. Você acompanhou cada ideia, falta de ideia, planejamento, dúvida, reflexão e linha escrita neste livro. Foi fotógrafa, revisora, diagramadora, editora, companheira e amiga. Nessas páginas, há muito de sua criatividade, bom gosto e sensibilidade. Essa libélula nunca teria batido asas se não fosse você e eu nem estou me referindo apenas ao livro.

Agradeço também à minha mãe, por estar sempre presente e por perguntar praticamente todos os dias se o livro estava pronto. Todo o suporte foi necessário e tornou possível a realização desse feito tão importante na minha vida. À minha família, é tudo por nós e para nós.

Aos meus amigos, meu sincero obrigada pelo incentivo e por me fazerem acreditar o tempo todo que tudo daria certo. A presença de vocês ao meu lado tornou o processo mais leve e divertido. Ana Laura e Felipe Contin, obrigada por sempre dedicarem tempo para perguntar sobre o livro. Saber que posso contar com vocês em todos os momentos é reconfortante. Gabriela Viana, obrigada por ser um porto seguro, companheira para a vida toda e amiga que sonhou junto comigo os sonhos que hoje acompanhamos se tornarem realidade. Sou grata por ter vivido esses quatro anos de graduação acompanhada por você, pela Brunna Rocinholi e por outras pessoas maravilhosas que levarei para a vida.

Não posso deixar de agradecer aos colegas de profissão que tive a honra de trabalhar e aprender durante os dois estágios que passei nesses anos. Vocês foram essenciais na minha formação e estarão sempre guardados no meu coração.

Agradeço também ao meu orientador, Murilo Pinheiro, a quem devo pelos contatos, atenção, compartilhamento de saberes, dedicação e paixão pelo jornalismo. Suas orientações foram fundamentais e indispensáveis, assim como todo o suporte fornecido desde o início da graduação.

Por fim, serei eternamente grata aos entrevistados que aceitaram receber uma desconhecida dentro de suas casas, conduzindo uma viagem no tempo por meio de suas memórias mais sensíveis e dolorosas. Quando escolhi o jornalismo tinha como um de meus objetivos conhecer pessoas como vocês e poder contar histórias que contribuíssem para uma sociedade melhor. A luta que consumiu juventudes e vidas, sequelando incontáveis corpos e mentes, continua e sempre resistirá, pois, nunca conseguirão deter a primavera que vocês ajudaram a florescer.

RESUMO

VIEIRA, Larissa Kelly Costa. Livro-Reportagem: Libélula: relatos de resistência à ditadura militar em Ribeirão Preto. Universidade de Ribeirão Preto: Ribeirão Preto, 2023.

A ditadura militar no Brasil durou 21 anos e representou para a história do país um dos períodos políticos mais repressivos e letais. Na região de Ribeirão Preto (SP), o regime foi fortemente combatido por grupos de resistência. O presente trabalho buscou expor os impactos causados pela ditadura na vida daqueles que se opuseram ao governo militar na região. A base metodológica utilizada para o desenvolvimento da produção consistiu na revisão bibliográfica de documentos, livros, artigos científicos, produções jornalísticas, análise de dados público e entrevistas coletadas de forma individual e não estrutura. Para que os objetivos propostos fossem alcançados, a pesquisa possuiu um nível exploratório. De acordo com o pesquisador Antônio Carlos Gil (2002, p. 41), esse nível é capaz de proporcionar uma maior familiaridade com a temática, a partir de levantamentos bibliográficos, entrevistas com pessoas experientes na área, além de análises de dados que permitam uma compreensão mais aprofundada sobre o tema. O resultado do projeto foi capaz de demonstrar os impactos na vida dos militantes que, mesmo após cerca de 40 anos desde o fim da ditadura, ainda convivem com sequelas físicas e mentais causadas por ela.

Palavras-chave: Ditadura Militar. Resistência. Ribeirão Preto.

ABSTRACT

VIEIRA, Larissa Kelly Costa. Book-Report: Libélula: reports of resistance to the military dictatorship in Ribeirão Preto. University of Ribeirão Preto: Ribeirão Preto, 2023.

The military dictatorship in Brazil lasted 21 years and represented one of the most repressive and lethal political periods in the country's history. In the region of Ribeirão Preto (SP), the regime was strongly opposed by resistance groups. This work sought to expose the impacts caused by the dictatorship on the lives of those who were placed under the military government in the region. The methodological basis used to develop the production consists of a bibliographic review of documents, books, scientific articles, journalistic productions, analysis of public data and interviews collected in an individual and unstructured way. In order for the proposed objectives to be achieved, the research has an exploratory level. According to researcher Antônio Carlos Gil (2002, p. 41), this level is capable of providing greater familiarity with the topic based on bibliographical surveys, interviews with experienced people in the area, in addition to data analyzes that allow an understanding more in-depth on the topic. The result of the project was able to demonstrate the impacts on the lives of activists who, even after around 40 years since the end of the dictatorship, still live with physical and mental consequences caused by it.

Keywords: Military Dictatorship. Resistance. Ribeirão Preto.

LISTA DE SIGLAS

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

ALN – Aliança Libertadora Nacional

CSR – Comando Supremo da Revolução

CNV – Comissão Nacional da Verdade

FALN – Forças Armadas de Libertação Nacional

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1 DITADURA MILITAR EM RIBEIRÃO PRETO.....	10
1.2 LEGADO DE RESISTÊNCIA.....	14
2. METODOLOGIA.....	16
2.1 ENTREVISTADOS.....	16
2.2 DETALHAMENTO TÉCNICO.....	17
3. SINOPSE.....	19
4. ROTEIRO.....	19
5. CRONOGRAMA.....	20
6. RELATO DE PRODUÇÃO.....	21
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25
APÊNDICE I.....	28
ANEXOS.....	36

1 INTRODUÇÃO

Instaurada no dia 1º de abril de 1964, a ditadura militar no Brasil foi um regime político marcado por jogos de interesse, reviravoltas, crimes contra os direitos humanos, manifestações populares, censuras, repressões e resistências. O início do período, que entrou para a história do país como um dos mais cerceadores de liberdades, foi marcado por um golpe militar que derrubou o mandato, conquistado democraticamente, do então presidente João Goulart. A partir de uma sessão que contou com a presença de 212 deputados e senadores, no interior do Congresso Nacional, o regime se iniciou ao conceder, de forma indireta, a presidência da República para Ranieri Mazzilli.

Com caráter nacionalista, desenvolvimentista e anticomunista, o regime que começou após um golpe se sustentou ancorado em sucessivos governos militares e no apoio de parte da população brasileira. Em um contexto de polarização política, acentuada pela oposição de interesses protagonizada pelas classes média e alta, em especial os grandes latifundiários, e a classe trabalhadora, representada por líderes sindicais, a queda de João Goulart foi enxergada por aqueles que fizeram possível a ditadura civil-militar como uma verdadeira revolução, responsável por colocar fim em males que comprometiam a sociedade.

Na representação intelectual que dela faziam seus atores hegemônicos, a revolução de 1964 deveria compreender uma breve e excepcional intervenção militar na política, no curso da qual seriam eliminados quatro males que haviam comprometido a estabilidade e a ordem políticas: a forte mobilização política induzida pela demagogia populista; o amplo espectro de organizações, movimentos e mecanismos sob os quais atuava a subversão comunista; a corrupção e o comportamento predatório na gestão política e administrativa do Estado (...); e, por fim, a estatização intoleravelmente crescente a que se havia submetido o conjunto da economia. (Tavares, 1998, p.225)

Difundido inicialmente com uma proposta de gestão breve, o regime militar ganhou força no decorrer dos anos e se consolidou como a ditadura mais longa do país, só sendo derrubada após 21 anos. Durante esse período, com ênfase nos anos iniciais, a ditadura teve os Estados Unidos como importante aliado em sua estruturação e manutenção. Em meio à Guerra Fria, a potência norte-americana buscava nos países latino-americanos o fortalecimento da ideologia capitalista, em detrimento da socialista defendida pela União Soviética. Nessa conjuntura, o país chegou a oferecer a mais de 300 militares brasileiros temporadas na Escola das Américas, com aulas teóricas e práticas sobre tortura, de acordo com levantamentos realizados pela Comissão Nacional da Verdade (CNV).

No decurso do mandato de Ranieri Mazzilli, que chegou ao fim em menos de duas semanas após a posse, as articulações políticas gerenciadas pelo Comando Supremo da Revolução (CSR), formado pelos ministros militares Artur da Costa e Silva, Augusto Rademaker Grünewald e Francisco de Assis Correia de Melo, fecharam o cerco nos opositores do regime e preparam o cenário para a adesão de medidas cada vez mais repressivas. Em 15 de abril de 1967, o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco assume a presidência do Brasil, trazendo consigo a implementação dos atos institucionais. Como atos institucionais, entende-se um conjunto de ações voltadas à repressão de manifestações, dos mais variados nichos, que fossem avaliadas como potenciais agentes de subversão da ordem política e social.

O regime dos atos institucionais constituía legalidade excepcional, ‘formada sem necessidade’, porque voltada apenas para coibir adversários políticos e ideológicos sustentar os detentores do poder e os interesses das classes dominantes, aliados às oligarquias nacionais [...] Tudo se poderia fazer: fechar as Casas Legislativas, cassar mandatos eletivos, demitir funcionários, suspender direitos políticos, aposentar e punir magistrados e militares e outros. Mas o que ainda era pior é que não havia nada mais que impedisse a expedição de outros atos institucionais com qualquer conteúdo. O regime foi um estado de exceção permanente: pura Ditadura. (Silva, 2011, p.8)

Apesar dos diferentes mecanismos de censura implementados durante o governo de Castelo Branco, como o nascimento do bipartidarismo, ou seja, a criação das agremiações políticas Aliança Renovadora Nacional (Arena) e Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que atuavam, uma em apoio ao governo e a outra na oposição de forma consentida e restrita, o marechal possuía uma gestão considerada moderada. Nos anos seguintes, durante os governos de Artur da Costa e Silva, da Junta Governativa Provisória e de Emílio Garrastazu Médici, de 1967 a 1974, o país enfrentou os “anos de chumbo”, período mais repressivo da ditadura. “Jamais, em qualquer época, a instituição militar esteve tão diretamente envolvida com as atividades de repressão política. Mais do que isso, as Forças Armadas, naquele espaço de tempo, detiveram, soberanas, o monopólio da coerção político-ideológica” (D’Araújo; Soares; Castro, 1994, p.10).

A perseguição e tortura contra opositores, a censura aos veículos de comunicação e às expressões artísticas, a cassação de mandatos políticos, a restrição às liberdades individuais, o fechamento do Congresso Nacional e a morte de grandes nomes da resistência organizada, como Carlos Marighella e Carlos Lamarca, compuseram os anos de chumbo, que tiveram o início de seu ápice com a promulgação do Ato Institucional nº 5, ou AI-5, como ficou popularmente conhecido.

A repressão do regime militar, após o AI-5, que recaiu sobre tropicalistas e emepibistas, apesar de todos os traumas que causou no cenário musical brasileiro, acabou criando uma espécie de “frente ampla” musical, parte do complexo e contraditório clima de resistência cultural à ditadura. Os embates estéticos e ideológicos de 1968 apontavam para uma cisão definitiva da música popular moderna no Brasil, entre as correntes nacionalistas e contra culturais, que agora pareciam distantes. O exílio de Gil e Caetano, assim como os de Geraldo Vandré e Chico Buarque (neste caso, “voluntário”), lembrava que havia um inimigo em comum: a censura e a repressão impostas pelo regime. O alvo tanto podia ser as letras políticas e socialmente engajadas de Chico e Vandré quanto às atitudes iconoclastas e a crítica comportamental de Caetano e Gil. Guerrilha e maconha, comunismo e androginia, Revolução Cubana e Paris 68 ocupavam o mesmo lugar no imaginário confuso do conservadorismo de direita, que se contrapunha ao setor mais valorizado e respeitado da música brasileira. (Napolitano, 2002, p. 70)

Como resposta da resistência aos inúmeros mecanismos de repressão consolidados, grupos armados ganharam força e foram duramente combatidos. O mesmo aconteceu com as manifestações artísticas e culturais que se tornaram uns dos principais meios de luta da oposição. Em meio a exílios e a torturas contra artistas que se posicionavam contra o regime e traziam em suas produções a resistência, o país se transformou em um palco de luta travada entre a liberdade e a censura.

A tortura foi indiscriminadamente aplicada no Brasil, indiferente a idade, sexo ou situação moral, física e psicológica em que se encontravam as pessoas suspeitas de atividades subversivas. Não se tratava apenas de produzir, no corpo da vítima, uma dor que a fizesse entrar em conflito com o próprio espírito e pronunciar o discurso que, ao favorecer o desempenho do sistema repressivo, significasse sua sentença condenatória. Justificada pela urgência de se obter informações, a tortura visava imprimir à vítima a destruição moral pela ruptura dos limites emocionais que se assentavam sobre relações efetivas de parentesco. Assim, crianças foram sacrificadas diante dos pais, mulheres grávidas tiveram seus filhos abortados, esposas sofreram para incriminar seus maridos (Arns, 1987, p. 43).

De 1974 a 1979, Ernesto Geisel esteve à frente do país e governou em um contexto de desgaste das Forças Armadas e de uma abertura lenta da política vigente. O “suicídio” do jornalista Vladimir Herzog, torturado e morto pelo regime em 1975, foi um dos episódios mais marcantes do governo, gerando grande comoção popular e apatia por parte do presidente. De acordo com uma declaração feita pelo Rabino Henry Sobel, em 2000, a morte de Herzog teve um papel crucial na retomada da democracia no Brasil. “A morte de Vladimir Herzog mudou o rumo do país. Foi o catalisador da abertura política e do processo de redemocratização do Brasil. Seu nome será sempre uma recordação dolorosa de um período sombrio de repressão na história brasileira”, disse.

O final do mandato de Geisel refletiu os piores resultados da crise econômica que se enraizou no país. Após o abrupto crescimento que se popularizou como “milagre econômico”,

ainda durante o governo de Emílio Médici, o Brasil colhia os amargos frutos deixados pelas medidas tomadas durante a gestão do presidente. Às custas de uma alta dívida externa e do aumento da desigualdade social, a cortina de fumaça que encobria os prejuízos econômicos no país aos poucos foi se dissipando no mandato de Geisel e fazendo crescer a impopularidade do regime perante à população.

No último mandato da ditadura, que durou seis anos e aconteceu de 1979 a 1985, João Baptista Figueiredo governou sob pressão popular e resistência mais forte. O declínio do governo propiciou a eleição de Tancredo, ainda de forma indireta, visto que o direito ao voto direto só foi conquistado pela população em 1989.

Em 21 anos, a ditadura-civil-militar foi responsável pela morte e pelo desaparecimento de centenas de pessoas que ousaram desafiar o regime. Os horrores cometidos durante anos de repressão só foram alvos de investigações aprofundadas 48 anos depois do fim da ditadura, por meio da criação da Comissão Nacional da Verdade. Instituída pela lei 12.528/2011, a comissão investigou, por três anos, as arbitrariedades ocorridas durante o regime de exceção e, a partir de 1.116 depoimentos coletados, chegou à identificação de 191 mortos e 243 desaparecidos.

1.1 DITADURA MILITAR EM RIBEIRÃO PRETO

Em vista do contexto de impacto social, econômico e psicológico causado pela ditadura militar, em mais de duas décadas de existência, seus reflexos ocorreram em todo o país. Em Ribeirão Preto, cidade do interior paulista que se destaca pela quantidade de estudantes e crescente desenvolvimento econômico, o período de 1964 a 1985 foi repleto de acontecimentos importantes. No município e na região, a força da resistência sustentada por militantes chamava a atenção dos militares, o que acabou resultando em tortura, prisões e exílios de dezenas de militantes. Pode-se dizer que o regime foi enfrentado na região de Ribeirão Preto com bravura pela resistência e com medo pelo restante da população, tomada pela intimidação do autoritarismo (Botosso, 2001, p. 73).

Além da presença de resistências organizadas que movimentaram manifestações e greves, a cidade também contou com a imprensa como mecanismo de enfrentamento à repressão. Em 1966, o jornal estudantil “O Berro” foi fundado no município. Denominado como um órgão independente e de vanguarda dos acadêmicos de Direito, o jornal serviu, mesmo que por pouco tempo, como porta-voz do movimento estudantil universitário, que resistia contra as investidas dos militares ferozmente, como aponta Botosso.

Foi também em Ribeirão Preto, em 1969, que madre Maurina foi presa pelo regime. Maurina Borges da Silveira era responsável pela administração do orfanato Lar Santana, localizado no bairro Vila Tibério. Devido ao serviço realizado no local, a freira foi acusada de participar do grupo guerrilheiro Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN). Na história do país, Maurina foi a única religiosa presa e torturada, sob a acusação de ser conivente com os militantes e ceder o porão do orfanato onde administrava para servir de esconderijo para grupos da resistência.

Em consideração ao conjunto de fatores apontados, o projeto dá voz aos sobreviventes de Ribeirão Preto, por meio das narrativas de como a ditadura atravessou vidas e quais marcas o regime autoritário deixou nos corpos e mentes dos sobreviventes.

[...] os marcos que delimitam os territórios da memória são mesmo as pessoas, as relações e os processos de produção de memórias. [...]. A luta por reconhecimento da memória dos atingidos pela Ditadura Militar vai aos poucos promovendo uma mudança na agenda pública e ganhando espaço nas instâncias de poder. Não se trata de eternizar para apagar. Trata-se de contribuir para marcar um lugar em uma ordem que o tempo inteiro deseja excluir ou silenciar essas memórias. Contribui ainda para ampliar a discussão da problemática patrimonial e para se pensar nos usos e funções do patrimônio. (Ferraz; Scarpelli, 2008, p. 8).

Norteados pela busca por respostas capazes de esclarecer a questão-problema elaborada, – houve impactos psicológicos, econômicos e sociais na vida dos militantes que sobreviveram à ditadura militar em Ribeirão? O projeto livro-reportagem teve como objetivo expor, por meio dos relatos coletados, uma parte da história do país, considerada a mais decisiva para a construção da recente democracia vigente, de modo a informar o leitor sobre como a ditadura-civil-militar impactou a vida daqueles que se opuseram ao regime. Assim sendo, o livro reuniu o contexto histórico da época, sem deixar que o foco da obra saísse de seu eixo principal, que é transportar o leitor para a realidade dos sobreviventes mediante a narrativa de memórias.

Em face do exposto, os objetivos específicos elaborados para que a problemática fosse contemplada, consistiram em gerar à comunidade acadêmica uma documentação das histórias ouvidas, assim como consolidar um objeto de estudo que servisse tanto para quem desejasse aprofundar os conhecimentos sobre o período histórico abordado, quanto para quem buscasse aprimorar os saberes a respeito do formato e técnicas jornalísticas utilizadas na produção de um livro-reportagem.

1.2 LEGADO DE RESISTÊNCIA

A produção de conteúdos que resgatem a memória de um período como a ditadura militar brasileira, pela ótica daqueles que presenciaram o momento e todas as aflições dele derivadas, é fundamental para que a história não morra e as futuras gerações possam ter embasamento suficiente para entender os acontecimentos que deixaram marcas no país. Abordar essa temática abre um leque de oportunidades de reflexões a respeito do contexto, já que foram anos de autoritarismo e repressão de liberdades.

Quem viveu aquele período, em especial quem resistiu a ele de forma coletiva ou individual, teve a vida impactada em diferentes aspectos, sejam eles psicológicos, econômicos ou sociais. Ouvir e documentar os relatos desses sobreviventes, que literalmente resistiram a um contexto letal para tantos brasileiros, é como dar voz e deixar registradas as vivências de luta daqueles que atravessaram os piores momentos de suas vidas em meio à ditadura.

Em um contexto político mais amplo, produzir conteúdo com base em narrativas reais de momentos históricos que marcaram a linha do tempo de um país, permite que os fatos sejam documentados e que a realidade de pessoas comuns que fizeram parte da história seja conhecida pelo público. Isso tem como consequência aproximar o passado do presente, evidenciando a importância do cidadão e da luta por direitos e ideais.

Ter documentado os depoimentos de pessoas vitimadas pelas decisões políticas tomadas durante os anos do regime fortalece a construção de um acervo histórico sobre o assunto e mantém viva a memória de resistência das 434 pessoas que morreram ou desapareceram durante a ditadura.

O foco em Ribeirão Preto e região se justifica pelo fato de na época existir resistências organizadas no município que lutaram contra o avanço da ditadura. Por ser uma região com grande número de estudantes, essa oposição a um regime cerceador de liberdades teve como base muitos ideais relacionados à juventude. Abordar o tema, tendo como enfoque a região, que atualmente continua concentrando um grande número de universidades e centros acadêmicos, faz com que o assunto tenha mais proximidade com esse público, inspirando uma maior mobilização social e política da juventude local.

Além disso, o recorte na região se justifica pela relevância da mesma em relação ao tema. Foi em Ribeirão Preto que madre Maurina foi presa pelo regime, em 1969, suspeita de abrigar membros de um grupo guerrilheiro de resistência. Na história do país, de acordo com o que se tem documentado, ela foi a primeira e única mulher freira a ser presa e torturada durante o período.

Ademais, o contexto político atual também corrobora para que a produção tenha ainda mais força e impacto ao leitor. Após quatro anos de vigência de um mandato presidencial liberal-conservador, de 2019 a 2022, debates políticos bipolarizados se intensificaram no Brasil. Com a consolidação de bolhas ideológicas, o regime da ditadura militar voltou a ser destaque nas discussões e, inclusive, atrair seguidores. Apesar do crescimento no número de admiradores, muitos deles não possuem conhecimento sobre esse período. Por outro lado, também há desconhecimento sobre o regime entre as pessoas que não o apoiam. Diante disso, evidencia-se, novamente, a importância de uma produção que explique narrativas de quem presenciou o regime e pode torná-lo mais compreensível.

Para tratar o assunto, a escolha do produto livro-reportagem se justifica pela possibilidade de agregar entrevistas longas e detalhadas com as fontes, ao mesmo tempo em que o contexto histórico pode ser mesclado ao texto. “O livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos” (Lima, 2004, p. 26).

Assim como aponta Lima, livro-reportagem é um produto que permite um aprofundamento sobre a temática, além de atrair a atenção do público-alvo ao qual o produto se destina. Nesse caso, pessoas que possuam interesse em política, mas também quem busca uma produção que aborda a temática pelo viés jornalístico. Por se tratar de um livro com foco nos relatos de pessoas que enfrentaram o regime na região de Ribeirão Preto, estima-se que a maior parte dos leitores sejam moradores da cidade ou de municípios vizinhos. Em relação à idade, o público-alvo da produção são pessoas com idade acima de 18 anos, levando em consideração o maior interesse do grupo pela temática, em detrimento a crianças e a adolescentes. Por ser um livro que contém relatos de diferentes personagens como principal atrativo, não há restrição de gênero aos leitores. O que também não existe nesta produção é restrição quanto à escolaridade do público leitor, visto que a linguagem adotada no livro é acessível e objetiva.

O formato de livro também transmite credibilidade, já que para os personagens, ter suas narrativas e fotografias reunidas na produção proporciona uma sensação de documentação. Em suma, a produção de um livro-reportagem sobre as memórias de pessoas que lutaram contra o regime ditatorial e sobreviveram à opressão e à violência em Ribeirão Preto e região é de suma importância para que falsas ideias a respeito do período não se propaguem e para que a história não seja esquecida ou repetida.

2 METODOLOGIA

A base metodológica utilizada para o desenvolvimento deste produto consistiu na revisão bibliográfica de livros, artigos científicos, produções jornalísticas e audiovisuais que versassem sobre o tema abordado. Ademais, a exploração e análise de dados públicos e oficiais acarretam à produção o embasamento técnico desejado.

Um dos meios oficiais mais utilizados como arcabouço da produção foram os relatórios desenvolvidos pela Comissão Nacional da Verdade. Instituída em 16 de maio de 2012, a comissão realizou um conjunto de apurações sobre as violações contra os direitos humanos cometidas durante o período ditatorial e serviu de referência para a compreensão das mazelas da época.

Para que os objetivos propostos pela produção fossem alcançados, a pesquisa possuiu um nível exploratório. De acordo com o pesquisador Antônio Carlos Gil (2002, p. 41), esse nível é capaz de proporcionar uma maior familiaridade com a temática a partir de levantamentos bibliográficos, entrevistas com pessoas experientes na área, além de análises de dados que permitam uma compreensão mais aprofundada sobre o tema.

Ainda seguindo o nível exploratório, o produto teve a pesquisa qualitativa como método para alcançar um panorama subjetivo por meio dos relatos das pessoas entrevistadas. Esse método é o mais apropriado quando se trata de produções que buscam justamente as particularidades de cada história e vivência. No total, foram três entrevistados diretos, além de um segundo historiador, além do entrevistado, responsável pela revisão final do projeto. Todos os relatos presentes no livro-reportagem foram obtidos em entrevistas individuais, não-estruturadas e presenciais. A escolha pela técnica jornalística de entrevista não-estruturada, ou seja, entrevistas em que o entrevistado tem liberdade de escolher a ordem dos fatos narrados e a construção das respostas (Laville e Dione, 1999, p.188) — proporcionou maior proximidade com as fontes, resultando em respostas aprofundadas, fundamentais para a produção do livro.

2.1 ENTREVISTADOS

Para a construção do livro, foram selecionados dois cidadãos naturais de Ribeirão Preto e região que fizeram parte da resistência contra o governo ditatorial entre os anos de 1964 e 1985. Os entrevistados foram convidados a contar suas histórias de vida, desde a infância até a atualidade, destacando o período em que foram resistência à ditadura e os reflexos derivados desse enfrentamento. Os relatos foram colhidos presencialmente, na casa dos personagens, para

que o ambiente em si também fosse explorado no texto. Ao final do processo de produção do livro, o material foi revisado por um historiador que solucionou dúvidas a respeito do contexto histórico abordado. Além dos dois entrevistados que puderam detalhar o enfrentamento direto ao regime, livro conta ainda com um terceiro personagem, sociólogo, filósofo e historiador. A presença deste entrevistado na produção teve como objetivo trazer uma narrativa de legado de luta, uma análise dos percursos dos entrevistados anteriores e do contexto histórico atual.

O primeiro personagem entrevistado para a produção foi o escritor, ex-vereador e advogado Carlos Leopoldo Teixeira Paulino, de 73 anos. Paulino é autor do livro *Tempo de Resistência*, publicado em 1998, e militante ativo. O relato desse personagem foi de extrema importância para a produção do livro, haja vista a ampla vivência de resistência, tendo sido um jovem engajado politicamente, preso político e exilado durante a ditadura. Por ser muito ativo na política atualmente e possuir contato com outros sobreviventes do período, ele também contribuiu fornecendo nomes de possíveis fontes, assim como documentos da época.

Maria Aparecida dos Santos, conhecida como Cidinha, também fez parte do grupo de entrevistados, sendo a segunda personagem do livro. Cidinha foi presa política e militante da Ação Libertadora Nacional (ALN), assim como Paulino. Ela possui vivências que enriqueceram o livro, trazendo pontos importantes de reflexão como, por exemplo, a maneira como as mulheres eram tratadas quando presas pelos militares.

O último entrevistado para o livro, terceiro personagem, não fez parte da militância na época do regime, mas traz um ponto muito importante para a narrativa: a análise histórica e social sobre o tema. Pedro Colucci proporciona ao livro um panorama geral sobre a influência da luta dos militantes nos dias atuais. Historiador, a participação de Colucci resgata a história de uma forma consolidada e crítica.

2.2 DETALHAMENTO TÉCNICO

A produção desse produto midiático uniu o jornalismo e história, dando voz a pessoas que por vezes foram esquecidas pela sociedade. O foco em Ribeirão Preto traz ainda mais proximidade com o público local, fazendo com que os cidadãos enxerguem o papel do município e o impacto da resistência aqui construída, colocando luz em um tema de extrema importância.

O livro-reportagem teve como base uma pesquisa bibliográfica unida a uma pesquisa documental que visa, para além de contar a história dos sobreviventes, contextualizar o impacto

no município. Em relação ao formato escolhido, livro-reportagem é um produto capaz de alcançar exatamente aquilo que a produção desejava, assim como aponta Lima.

A função particular do livro-reportagem é informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias e figuras humanas, de modo que ofereça ao leitor um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo. (Lima, 2004, p.39)

A escolha do livro em detrimento de um blog, por exemplo, se justifica pela quantidade de material abordado. Em um blog, o assunto seria finalizado muito rapidamente, pois não é um tema que permite uma constante manutenção de conteúdo, visto que não há facilidade em encontrar pessoas que fizeram parte de alguma resistência, seja de forma individual ou em grupos. Contar a história dos personagens em um livro é como se o assunto pudesse ser narrado com um começo, meio e fim.

Em relação às técnicas jornalísticas utilizadas, o livro tem o jornalismo literário como base da escrita. A utilização dessa técnica proporciona uma maior identificação e proximidade do leitor. A técnica de entrevista não estruturada também foi adotada para que os entrevistados pudessem contar suas histórias de forma mais livre e espontânea.

O livro-reportagem contou com uma estrutura de divisão em cinco capítulos. O primeiro aborda a contextualização do período de 1964 a 1985. Para que a escrita se desenvolvesse de forma fluída, esse capítulo foi dividido por período presidencial e por intertítulos. Ele também tem imagens que ilustram os principais acontecimentos históricos desses períodos abordados. O segundo capítulo do livro aborda o contexto histórico da ditadura militar em Ribeirão Preto, tendo como foco a resistência de personalidades emblemáticas e alguns veículos de imprensa criados durante o regime.

Já os outros três capítulos foram divididos entre os três personagens entrevistados. Esses capítulos contam com histórias e também imagens de arquivo pessoal e outras feitas durante as entrevistas. Todas as imagens são produzidas no estilo preto e branco. O total de páginas do livro-reportagem, incluindo fotografias e espaços destinados à composição do *design* escolhido, foi de 112 páginas, formato A4.

A estrutura é digital, formato e-book devido ao custo ser mais acessível que o impresso. Para a capa, a fotografia escolhida foi “Libélulas sobre baionetas”, do fotógrafo Evandro Teixeira. Essa imagem foi escolhida, pois traz uma alusão ao simbolismo das libélulas, título do livro. O inseto é considerado um anunciador de renovações em meio a períodos de aflições.

Após a apresentação na banca de conclusão de curso, considero a possibilidade de o livro ser editado para publicação no formato e-book e físico.

3 SINOPSE

O tempo nunca será capaz de apagar aquilo que se enraíza nos corpos e nas mentes. Como ervas daninhas, os horrores vividos durante mais de duas décadas de ditadura militar no Brasil se espalham na memória daqueles que resistiram ao regime ou foram atravessados por ele posteriormente. É por meio dessas narrativas singulares que o passado será contado e não se perderá, para que nunca venha a ser repetido.

4 ROTEIRO

O livro contém cinco capítulos:

Capítulo 1: Regime de mentiras

Neste capítulo o contexto histórico da ditadura militar foi abordado em intertítulos divididos por período presidencial. Os feitos mais marcantes de cada período foram contados de forma resumida, com adição de fotografias da época.

Capítulo 2: Ditadura militar em Ribeirão Preto

O segundo capítulo da obra teve como foco o período de ditadura em Ribeirão Preto. Nele, a forma como a imprensa local resistiu à ditadura e os principais acontecimentos, como manifestações, protestos e prisões, foram contados resumidamente. O objetivo é que o leitor tenha conhecimento sobre o contexto da época, sem que a obra perca seu foco nas memórias dos personagens entrevistados nos próximos capítulos. Os dois primeiros capítulos da obra tiveram caráter introdutório.

Capítulo 3: Guerrilheiro ontem, hoje e sempre (Ovo)

O capítulo relata a história de Carlos Leopoldo Teixeira Paulino.

Capítulo 4: Por trás da armadura (Ninfa)

O capítulo relata a história de Maria Aparecida dos Santos.

Capítulo 5: A luta continua (Libélula)

Análise do historiador Pedro Colucci.

5 CRONOGRAMA

Tabela 1 - Cronograma das atividades

ATIVIDADE	MAIO	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Entrevistas	X	X	X		X		
Introdução			X	X			
1ºCapítulo				X	X		
2ºCapítulo				X	X		
3ºCapítulo				X			
4ºCapítulo				X			
5ºCapítulo					X		
Produção do relatório			X	X	X	X	
Finalização						X	
Entrega do produto							X

6 RELATO DE PRODUÇÃO

Por mais clichê que seja começar o relato de produção dizendo que escrever um livro sempre foi um sonho para mim, não tenho como iniciar de outra forma, porque essa afirmação é genuinamente verdadeira. Ainda durante o Ensino Fundamental, não me lembro o ano exato, comecei a escrever um romance. Na época, cursar jornalismo ainda nem havia se consolidado como um projeto de vida, mas a paixão pela escrita já fazia parte de quem eu era.

De início, o tema do livro gerou estranheza em minha mãe e irmã, únicas pessoas a quem detalhei o projeto. O objetivo era revolucionar a indústria, dar vida a um *best-seller* que retratava a história de amor entre uma jovem e um ser extraterrestre. Antes de escrever as primeiras páginas, pesquisei muito para ter a certeza de que nada parecido já havia sido criado. A ideia era escrever um romance tão difundido como os livros e filmes da saga Crepúsculo. Queria todos os adolescentes carregando o livro nas mãos, usando camisas e bottons com ilustrações dos personagens e apelidando seus animais de estimação com os nomes eternizados por mim, em meu livro.

Bom, a ideia parecia perfeita e bastante lucrativa, mas acabou esfriando em pouco mais de 100 páginas esquecidas dentro de um documento de *word* que até hoje tento reencontrar em meio aos arquivos digitais acumulados no *notebook*. Apesar de revolucionária, a produção do que seria meu primeiro livro não resistiu ao fim das férias escolares de uma adolescente e terminou tão rápido quanto um “amor de carnaval”.

Longos anos se passaram e aqui estou eu, novamente, extasiada com a ideia de escrever um livro. Mas, dessa vez, não é só uma ideia, e sim uma realidade. Finalizar a produção do meu primeiro livro-reportagem, aos 22 anos, é a realização de um sonho, mas, mais do que isso, é o sim para muitas perguntas que fiz durante todo meu caminho até aqui. Será que vou dar conta? Será que fiz a escolha certa? Será que consigo escrever algo bom? Estou no curso certo? Valeu a pena esses quatro anos de faculdade? Posso mesmo me considerar uma jornalista?

As dúvidas e inseguranças, muitas vezes, nebularam minha visão e tornaram todo o processo ainda mais complicado do que de fato era. Conciliar anseios pessoais, introdução no mercado de trabalho, enxurrada de informações e as responsabilidades acadêmicas não é uma tarefa fácil, como poucas coisas na vida são. Em meio a isso, planejar e executar um produto que tem em si o peso de resumir e selar os anos na graduação pode ser muito desesperador. E de fato foi.

Ainda nos primeiros anos na universidade decidi que meu Trabalho de Conclusão de Curso, o tão temido TCC, seria um livro. Com o decorrer do tempo, o tema do livro mudou

uma ou duas vezes, mas logo se consolidou: precisava falar sobre a ditadura militar. A escolha não foi aleatória, passei um bom tempo lapidando a ideia até que ela fosse bem justificável. Meu desejo era produzir algo com recorte na cidade e região onde nasci e cresci. Além disso, precisava que minha produção tivesse asas que permitissem o voo para fora dos muros da universidade. Outro requisito era que abordasse um tema de relevância nacional, que estivesse em alta e que pudesse impactar a sociedade de alguma forma.

Unindo todas as vontades que nutria, cheguei a um fator comum. Em meio a um contexto político polarizado, intensificação de *fake news*, intolerância e defesa eminente de valores e ideias indefensáveis, falar sobre a ditadura militar seria como direcionar um sinalizador para dentro de um túnel tomado pela escuridão. Por mais que a luz oferecida nesse gesto não fosse suficiente para iluminar toda a estrutura do túnel, poderia ao menos chamar a atenção e, quem sabe, despertar aqueles que adormeciam embalados pela comodidade da escuridão.

O primeiro passo para tirar do papel o que planejava foi aumentar o meu consumo de produções classificadas como “jornalismo literário”. Nessa etapa, a jornalista, escritora e documentarista brasileira Eliane Brum foi minha principal fonte de inspiração. Depois do primeiro passo, dei continuidade nos outros: pesquisar, estudar e consumir tudo que podia sobre o tema escolhido. Encontrar os entrevistados foi outra tarefa complicada, do início ao fim. Carlos Leopoldo Teixeira Paulino acabou sendo o primeiro entrevistado, depois de ter o seu nome sugerido durante uma orientação do livro.

Paulino é uma personalidade conhecida da cidade, foram anos dedicados à vida pública. No entanto, eu nunca havia conversado com ele, muito menos ido até a casa onde vive junto à companheira e alguns gatos de estimação. A entrevista com o militante aconteceu ao redor de uma mesa na sala e fluiu da melhor forma possível. Em mais de duas horas de conversa, entre risos e emoção, pude conhecer mais sobre a vida de uma pessoa que não escolheu a resistência, foi escolhida por ela.

Poucos dias se passaram e realizei a segunda entrevista, dessa vez com Maria Aparecida dos Santos, a Cidinha. Essa, sem dúvidas, entrou para a lista das entrevistas mais longas que já conduzi, passando de três horas de duração. Na cozinha da aconchegante casa fomos recebidas, eu e minha irmã, com um café preto passado na hora. Quem me conhece sabe que não sou a maior fã de café, mas aquele, oferecido com tanto zelo, não poderia ser recusado.

Da entrevista feita com Cidinha, até a última foram alguns meses de distância. A correria para dar conta das demandas do último semestre e da vida fora da universidade apertou o laço e tornou a entrega do trabalho final mais emocionante e um tanto quanto caótica. Apesar das

dificuldades em conciliar entrevistas, produções textuais, edições de fotografias, diagramação, decupagens e revisões de textos, o livro *Libélula: Relatos de resistência à ditadura militar em Ribeirão Preto* deixou de ser um sonho e se tornou realidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como principal objetivo expor histórias de pessoas que foram impactadas, direta ou indiretamente, pela ditadura-civil-militar em Ribeirão Preto e na região do município. Para que o objetivo fosse alcançado, um espaço foi aberto para que sobreviventes desse regime letal e arbitrário pudessem contar suas vivências.

Outro objetivo que buscou-se alcançar com essa produção foi a consolidação de um objeto de estudo que servisse como fonte de informações confiáveis e de fácil compreensão a interessados no tema. Visando a alcançar o planejado, o contexto histórico, a nível nacional e regional, foi resgatado e condensado em dois capítulos introdutórios. Outros três capítulos, cada um detalhando as memórias de um personagem, completam a obra.

Um dos principais obstáculos enfrentados durante essa produção foi localizar pessoas dispostas a revisitar o passado, se colocando de frente com lembranças sensíveis e dolorosas. Por conta do tempo que distancia o presente do período de ditadura militar, parte das militantes ativos na época não estão mais vivos e puderam ser acessados apenas pelos relatos dos companheiros e documentação produzida em vida.

Inicialmente, o planejamento era de que o livro possuísse relatos de cinco militantes, mas, ao decorrer do trabalho, alinhando fatores como o tempo de produção, a disponibilidade de fontes e o conceito literário elaborado para o livro, o planejamento foi revisado e o conteúdo finalizado com três personagens.

O primeiro capítulo da obra contou com uma revisão bibliográfica e documental intensa para que o contexto histórico da época, com ênfase em cada período presidencial, fosse resumidamente detalhado. O segundo capítulo também se baseou em pesquisas bibliográficas e documentais, para que as principais características e personalidades que marcaram a resistência ribeirãopretana fossem abordadas. Intitulado como *Libélula: Relatos de resistência à ditadura militar em Ribeirão Preto*, o livro-reportagem teve como objetivo principal focar nas histórias de quem viveu o período. Alinhando o simbolismo da libélula à fotografia escolhida como capa da obra e às fases metamórficas do inseto, o livro se estrutura nos seguintes

capítulos: *Guerrilheiro, ontem, hoje e sempre (Ovo)*; *Por trás da armadura (Ninfa)* e *A luta continua (Libélula)*.

Todas as entrevistas foram realizadas de forma presencial, na casa dos personagens. Essa proximidade foi crucial para que os entrevistados se sentissem confortáveis e seguros para detalhar memórias de uma vida inteira. Na minha percepção, poder me colocar diante dessas pessoas, aberta a escutá-las, trouxe uma afinidade forte com o tema e uma sensibilidade que pôde ser transferida para meu texto. A intensão, em nenhum momento, foi colocar os entrevistados como pessoas perfeitas, incapazes de cometer erros. Muito pelo contrário, o propósito de ter escolhido esse tema e produzido essa obra sempre foi refletir sobre humanidade e toda a sua complexibilidade imperfeita.

Esse livro versa sobre a defesa da vida, das liberdades, da democracia e do povo. Valores inegociáveis que contrastam com o legado de repressão, tortura, censura, ódio, machismo, autoritarismo e patriarcalismo deixado pela ditadura-civil-militar. A falta de informações de parte da população e o consumo de meias verdades propagadas inescrupulosamente nos últimos anos acerca do tema me motivaram a buscar por pessoas que sobreviveram ao terror e que, hoje, se sentem peças cruciais na difusão dos fatos. A obra que finaliza um ciclo de dedicação e empenho, não só meu, mas daqueles que colaboraram com essa produção, não se destina apenas a um grupo político e ideológico, mas a todos que compreendem a importância de se conhecer a história da nação e de quem esteve disposto a sacrificar a vida em nome dela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Bruno Delecave. **Rebeldes na imprensa: censura, imprensa alternativa e contracultura**. Trabalho apresentado no XXI Congresso Brasileiro de Ciências das Comunicação da Região Sudeste. Juiz de Fora: 2007. Acesso em: 03 junho. 2023.

ARNS, Dom Paulo Evaristo. **Brasil: nunca mais**. Petrópolis: Vozes, 1987.

BOTOSSO, Marcelo. **A guerrilha ribeirão-pretana: História de uma organização armada revolucionária**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História da FHDSS (Faculdade de História, Direito e Serviço Social) — UNESP, 2001. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/93269>. Acesso em: 28 novembro. 2022.

CARNEIRO, Milton Júnior. **Sociedade e Política em Ribeirão Preto: estratégias de dominação (1960-1964)**. Dissertação (Mestrado em História) UNESP, 2002. Disponível em: <https://www.franca.unesp.br/index.php#!/posgraduacao/strictosensu/historia/dissertacoes/201--2005>. Acesso em: 28 novembro. 2022.

Comissão Nacional da Verdade. Relatório. Volume I. Brasília: CNV, 2014. Disponível em: http://www.cnv.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_1_digital.pdf. Acesso em: 06 de agosto de 2023.

Comissão Nacional da Verdade. Relatório. Volume II. Brasília: CNV, 2014. Disponível em: http://www.cnv.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_2_digital.pdf. Acesso em: 06 de agosto de 2023.

Comissão Nacional da Verdade. Relatório. Volume III. Brasília: CNV, 2014. Disponível em: http://www.cnv.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_3_digital.pdf. Acesso em: 06 de agosto de 2023.

DAIMON. **Dolos**. Disponível em: <https://www.theoi.com/Daimon/Dolos.html>. Acesso em: 25 de agosto de 2023.

D' ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio Ary Dillon; CASTRO, Celso. **Introdução - Rompendo os pactos do silêncio. In: Os anos de chumbo: a memória militar sobre a repressão**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

EBLAK, Luís. **A freira na prisão**. Folha de São Paulo, São Paulo, 7 jun. 1998. Caderno Mais. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs07069806.htm>. Acesso em: 28 novembro. 2022.

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. **Marechal Castello Branco**. Disponível em: <https://www.eceme.eb.mil.br/castello-branco-m-pt>. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

FERRAZ, J. D. F.; SCARPELLI, C. D. B. **Ditadura militar no Brasil: desafios da memória e do patrimônio**. XIII Encontro de História da ANPUH-RIO, 2008. Disponível

em:http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212961440_ARQUIVO_TrabalhoCompletoanpuhrj2008.pdf. Acesso em: 03 junho. 2023.

G1. **Ouçã o áudio e leia trechos da sessão do Congresso que depôs Jango**. Brasília. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/50-anos-do-golpe-militar/noticia/2014/03/ouca-o-audio-e-leia-trechos-da-sessao-do-congresso-que-depos-jango.html>. Acesso em: 03 de junho de 2023.

FILHO, Luís Viana. **O Governo Castelo Branco**. Editora Livraria José Olympio. 1975.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 5 ed. São Paulo. Atlas, 1999. 202 p.

NAPOLITANO, Marcos. **A Música Popular Brasileira (MPB) dos anos 70: Resistência política e consumo cultural**. In: CONGRESSO DE LA RAMA LATINOAMERICANA DEL IASPM, 2002.

PAULINO, Leopoldo. **Tempo de Resistência**. Editora Oswaldo Cruz Empreendimentos. 1999.

PINHEIRO, Manu. **Cale-se: a MPB e a Ditadura Militar**. 1ª Edição. Livros Ilimitados Editora, 30 de junho de 2011.

PIRES, Áurea Moretti. **Entrevista sobre militância, resistência e repressão durante a ditadura civil-militar**. Memorial da Resistência de São Paulo, entrevista concedida a Karina Alves e Marcela Boni em 25/10/2013. Disponível em: <http://memorialdaresistencia.org.br/entrevistas/aurea-moretti-pires/>. Acesso em: 25 de outubro de 2022.

SENADO, AGÊNCIA. **Tumulto marcou sessão que decretou vacância do cargo de Jango em 64**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2013/11/14/tumulto-marcou-sessao-que-decretou-vacancia-do-cargo-de-jango-em-64>. Acesso em: 10 de setembro de 2023.

SILVA, José Afonso da. **O constitucionalismo brasileiro: evolução institucional**. São Paulo: Malheiros, 2011.

SILVA, Ilda Martins da. **Entrevista sobre militância, resistência e repressão durante a ditadura civil-militar**. Memorial da Resistência de São Paulo, entrevista concedida a Karina Alves Teixeira e Paula Salles em 18/03/2014. Disponível em: <http://memorialdaresistencia.org.br/entrevistas/ilda-martins-da-silva/>. Acesso em: 28 de novembro de 2022.

SOBEL, Henry. **A posição das igrejas por rabino henry sobel**. 2000. Disponível em: <https://vladimirherzog.org/a-posicao-das-igrejas-por-rabino-henry-sobel-texto-escrito-no-ano-2000/>. Acesso em: 03 de junho. 2023.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artes Médicas; Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2004.

MELITO, Leandro. **1º de abril: a resistência ao Golpe de 64 na Rádio Nacional**. Brasília. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/cidadania/2016/03/1deg-de-abril-resistencia-ao-golpe-de-64-na-radio-nacional>. Acesso em: 05 de setembro de 2023.

TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento: Os segredos dos porões da ditadura**. 1ª Edição. L&PM Editora, 17 de abril de 1999.

TAVARES, José Antônio Giusti, ROJO, Raúl Enrique. **O sistema político brasileiro. Instituições políticas comparadas dos países do Mercosul**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Institui%C3%A7%C3%B5es_pol%C3%ADticas_comparadas_dos.html?id=NdEOAAAYAAJ&redir_esc=y. Acesso em: 03 junho. 2023.

APÊNDICE - DECUPAGEM DE ENTREVISTAS

Entrevistado: Carlos Leopoldo Teixeira Paulino

Formato: Presencial

Para começar, já que a história é muito comprida, né? No livro do senhor, o que me chamou bastante atenção é logo no começo, quando você diz que veio de um ninho familiar muito envolto na militância e resistência. Quería que o senhor contasse um pouco mais sobre essa relação dos seus pais, como que eles eram engajados politicamente.

A minha mãe era comunista e morava em São Carlos. Meu avô pai dela também era comunista naquele período breve que o Partido Comunista foi legalizado, após a Ditadura do Getúlio, em 1945. O partido funcionava na casa do meu avô, eles são de São Carlos. Meu pai era ferroviário. E aí um dia ele se interessou passou lá. Aí que ele conhecia minha mãe, né? Eles terminaram se casando ela e foi politizando meu pai. Cresceu muito do ponto de vista político ideológico. Então eu nasci nessa casa. Quer dizer, um ambiente que eu respirava política. Quando houve golpe militar eu tinha 13 anos, mas eu sabia perfeitamente o que que era. Eu estava escutava a rádio Marinha, era uma rádio contra o golpe. Eu tinha muita leitura e já de eu tinha uma posição política muito definida, na escola discutia legal, o pessoal lá de direita e tal que defendia ditadura o golpe eu estava sempre discutindo. Meu pai foi intimado algumas vezes para fazer depoimento não chegou a ficar preso. E comecei com 14 anos a minha militância no movimento estudantil organizado. Com 14 anos que eu pichei pela primeira vez os muros aqui escrevendo “Abaixo a ditadura”. Com 15 anos eu fui eleito o presidente do grêmio do Otoniel Mota. Depois da União dos Estudantes de Ribeirão Preto que a gente refundou tinha sido destruída pela ditadura, né e com 15 anos em 1966. Aí comecei. Depois o partido já começou a discutir a questão da luta armada, fui para o exterior. Foi o nosso Comandante na ALN e eu acompanhei também saindo do Partido Em 1967. Aqui em Ribeirão Preto se formaram dois grupos a ALN que se formou nacionalmente e da qual eu fiz parte e o Vanderley que era um comunista, uma liderança muito grande entre os estudantes de direito. É uma pessoa que aglutinava as outras e tal. Ele decidiu criar junto com os companheiros dele uma organização local Regional que se chamou Frente Armada de Libertação Nacional e depois Forças Armadas de Libertação Nacional aqui em Ribeirão, eles tinham muito mais gente que nós, mas a gente nacionalmente era maior organização armada. Ainda na adolescência, eu liderei uma greve, inclusive contra o diretor corrupto e arbitrário do Otoniel. O diretor ficava fazendo gracinha para as meninas. Pichamos na escola inteira, não existia spray ainda, mas a gente levou a lata de óleo queimado

e fez os escritos. Ele me expulsou da escola, não tinha prova que era eu nem nada, mas ele me expulsou. Eu estava terminando o terceiro colegial estava em outubro, meu pai recorreu para a secretária, na época era a delegacia de ensino. Eu precisei correr e achar uma escola que me quisesse, né? Depois de tudo entrei na Universidades também, não na época. Fazia história em Franca também que na época era da USP. Aí o movimento em 1968 ferveu, né? Foi um crescimento muito grande. Eu fui preso no Congresso de Ibiúna em outubro, dia 12 de outubro de 68. Foi um erro nosso fazer o congresso daquele jeito, porque “pessoal, não, vamos fazer escondido”, mas como é que você esconde quase 800 estudada. Tinha 5 mil habitantes, de repente começou a chegar gente. Começou a chegar gente e a polícia descobriu que era lá. Cercou e aprendeu todo mundo. Isso foi um golpe contra o movimento, porque mapearam o movimento inteirinho no Brasil tudo. Daqui de Ribeirão, nós fomos presos em três pessoas. E saindo da cadeia, passei pelo Tiradentes e depois Carandiru, depois DOPS. Fomos fichados e liberados. Continuando o movimento em 69, eu participei de algumas ações armadas, alguns atentados aqui em Ribeirão. O mais importante foi o atentado na loja Americana e na Coca-Cola. Eu acho que da Coca-Cola foi mais importante, até porque as bombas na Americanas falharam, mas na Coca funcionou. Eu dei muita sorte e consegui escapar muitas vezes. As forças da repressão vieram para Ribeirão Preto. Ribeirão tinha só 180 mil habitantes, hoje tem 800 mil, então era mais fácil de você mapear e pegar as pessoas e nós começamos eu consegui ficar escondido um mês dentro de casa, estava muito procurado. Chegaram a cercar minha casa e por sorte me avisaram, um vizinho de uma farmácia. Eu pulei o muro com o 38 o vizinho ajudando. Pulei para outra casa na Henrique Dumont, no Jardim Paulista. Lá atrás hoje tem uma praça, na época era um campinho de futebol que a gente joga. Consegui escapar por lá. Tentei contato com a organização em São Paulo, consegui um contato. Perdi de novo a organização, estava muito complicado, Marighella tinha sido assassinado em novembro. Quando eu cheguei em São Paulo, eles não tinham uma arma para me dar eu não tinha um documento falso, mas como é que eu vou ficar aqui em São Paulo com medo e sem armas, entendeu? Muita gente sendo presa. Meu pai e minha mãe achavam que eu poderia sair eu não queria sair, queria ficar aqui. No meu entendimento, eu tinha que morrer junto com o pessoal, tive até problemas por causa disso. E aí a gente conversou da inutilidade disso, meu pai, conseguiu através de um contato dele um amigo de faculdade. Conseguiu comprar no Rio um passaporte falso. E eu tirei o passaporte no nome do meu irmão, eu tinha 19 meu irmão 17 então meu pai chegou lá contou uma história mentirosa. O cara fingiu que acreditou. Fizeram o documento, pagamos e eu saí com o documento de 17 anos e saí com o papai, né? Tudo bonitinho com meu violão. Passei a fronteira em Foz do Iguaçu. E aí comecei o período de exílio, né? Chile, França Dinamarca

Panamá, eu conto no livro também. Peguei o golpe do Chile, em 73. Fui preso, muito torturado, fizeram uma tortura psicológica comigo da pior espécie. Meu filho, tinha um ano e 8 meses e estava com corpo queimando, fechando a garganta, ele estava morrendo se não fosse atendido. Simplesmente falaram: “Se você não falar, ele morre”. A mãe dele grávida de 6 meses e eu não ia falar. Dizia que eu não sabia. Depois eu consegui sair, né? Levar para delegacia e tal, pauleira, mas depois eu consegui sair entrei na embaixada do Panamá que tinha 300 brasileiros. Nós conseguimos sair daqui do inferno que foi o Chile. Mataram vários companheiros brasileiros. Nossa Aí depois vem o último país de exílio, que foi a Argentina. De lá, voltei pro Brasil. Voltei com meu nome, mas eu não vim para Ribeirão, não mostrava a cara. Voltei a fazer faculdade em outra cidade. Arrumei um emprego fora e tal. Aí passou um tempo comecei a vir aqui à noite. Vinha na casa do meu pai ficava antes de amanhecer. Eu saía tal eu não queria ser visto aqui. Eu voltei em julho de 74. Só voltei para Ribeirão em outubro de 77, mais de três anos depois. Bom, brevemente eu te contei a história.

Você disse que já era bem engajado, então já estava vendo o golpe se desenhar, certo?

Queria saber como vocês receberam essa notícia. Como foi a comunicação?

A minha mãe tinha me dado NO Natal anterior um radinho de pilha. Assim para ficar de boa, ouvindo na cama, né? De noite até altas horas da madrugada, mas era por lá que a gente ficava super bem informado. A gente acreditava que dava para resistir contra o golpe, porque existiam muitos militares contra o golpe. Mas estava na cara e o pessoal na esquerda vacilou. É aquela história de confiar demais no governo. E aí veio o golpe e se a gente for dizer que fomos pegos de surpresa, é mentira, não fomos. Foi uma falha mesmo. A esquerda tinha confiança total no aparelho governamental e não é assim. O governo é uma coisa, partido. Outra é sindicalismo. Mas realmente, meus pais eram engajados. Naquela época, onde eu estudava era uma escola pra elite, porque as escolas particulares eram muito fracas e era para aquele aluno que não conseguia passar na escola pública, aí o pai pagava e ele estudava lá. Minha mãe era professora no colégio. Você imagina quando eu fui expulso. Enfim, de todos esses anos assim, até 68, que é o mais conhecido como o ano que durou mais exatamente.

Como foi 1968?

Foi um ano de vitórias para nós. O movimento cresceu muito né? Em dezembro vem o ato institucional número 5. Porque toda a nossa prisão de Ibiúna foi noticiada saiu em jornal em rádio, T. Depois de do AI- 5 acabou, né? Você não sabia mais nada, a gente não conseguia ter contato, por exemplo que o pessoal de fora, os presos, ajudaram a gente. Eles tinham uma simpatia, então você mandava recado que eles tinham os esquemas deles, chegava o recado às famílias, faziam vigília lá fora e tal. Depois passou não tem mais nada disso, era pancadaria em

cima da família. Então a gente ainda pegou uma época que a nossa prisão foi divulgada e no presídio Tiradentes, a gente começou a incomodar. Nós fizemos uma greve de fome, nós estamos em 48. Sempre tem alguém no banheiro e o banheiro não era fechado. Pra você ter ideia que quando nos transferiram, nós achamos que era um paraíso. Imagina como que era outro então. Eu saí com 46 ou 47 kg, quando eu saí da cadeia.

Como enxerga os últimos anos?

Esse período, últimos quatro anos, foi traumático. Porque ele foi eleito, não foi um golpe militar, o povo colocou ele. Que é um fascista. Eles são, os filhos, o núcleo dele é declaradamente fascista. O herói dele é Ustra, eu tenho amigos que foram estuprados por ele, ele pessoalmente, chegou a fazer um teste de colocar rato em vaginas, imagina, o cara é um monstro. Quer dizer, é um tipo asqueroso, idiota, ignorante, mais um monte de adjetivo além de tudo.

Você dedicou praticamente a juventude inteira nisso. Você acha que agora seria diferente?

É lógico que a gente tem que fazer um trabalho muito grande e a nossa proposta é essa, a minha particularmente. Não é questão da divulgação, nós temos um musical. Não sei se chegou a ver, eu passei pra você, a Rose que escreveu os textos. Então a gente vai apresentar agora em Mococa na outra semana, eu acho que isso é um trabalho sério de educação popular. A gente abre o debate pra mostrar o que que acontecia. Porque não é fazer lavagem cerebral é discutir. Durante muito tempo eu pensei que deveria ter morrido também. Comecei com isso até eu escrever o livro, eu ficava com isso na cabeça, sabe? Por que que eu estou aqui? Aí quando eu escrevi, eu vi que podia contar a história. Eu tenho obrigação de contar certas coisas que eu vivi. Não é dar uma de herói, porque heróis são os que morreram, para mim.

Entrevistada: Maria Aparecida dos Santos

Formato: Presencial

Queria que começasse contando como você recebeu a notícia do golpe.

Eu estava em casa. Porque eu estudava a tarde e de manhã eu estava em casa. O negócio foi o seguinte. Eu não, eu estudava no Santos Dumont. Nesse dia meu pai pediu para eu faltar porque estava começando uma falação no rádio, a imprensa, jornais, rádio. Na época quase ninguém tinha televisão, nós não tínhamos e o rádio informava melhor. Principalmente o Marinho, as rádios de Ribeirão Preto também estavam noticiando. E aí o meu pai falou assim para mim, você não pode deixar de ir na escola hoje, né na escola hoje e você acompanhar o que tá acontecendo isso. Isso foi no dia 31, tá? Porque a semana toda a gente falava vai ter golpe, vai ter golpe, vai ter golpe e o meu pai já tinha percebido. Eu também tinha, já entendia bastante. E aí eu falei, não tinha prova não tinha nada. E na verdade era assim, eu estudava de manhã, daí eu trabalhava de manhã e estudava tarde. Aí eu trabalhei e vim embora, deu meio-dia eu vim embora. A mamãe estava acompanhando, a minha mãe ficava em casa, ela acompanhava, meu irmão também trabalhava numa outra livraria. Eu vim para casa e aí começou né, dar já a notícia da saída de tropas de Minas, de Juiz de Fora, né? Para o Rio de Janeiro, né? E aquilo dava aqueles flashes de notícias. O golpe acontece ali né, na madrugada. O Jango ainda estava no país, na Câmara dos Deputados, eles chamavam Ranieri, mas ele o presidente da Câmara ele já então considerou que o João Goulart já estava fora do país, mas ele não estava, ele estava no Rio Grande do Sul. E aí já os militares já se acomodaram. E aí foi dado um golpe e foi aquele silêncio, sabe teve aquele silêncio e a polícia já começou a agir, né? Por isso ele já começou a aprender no próprio no primeiro dia que era primeiro de abril. Isso ficou falando o dia da mentira, né? Tudo isso, mas tem gente que tem aqui primeiro já abril por causa dessa besteira para fazer gozação em cima, mas a real é que eu considero é que o golpe começou ainda no dia 31. Meu pai já pôs um caminhãozinho que tinha, uma Kombi cortada ao meio assim. Meu pai pegou esse caminhãozinho e já foi contatando os companheiros. E aquilo assim é foi muito ruim, né? Porque no dia seguinte eu tive que ir trabalhar e depois eu fui estudar a cidade já tava policiada, desde de manhã muito policial desde de manhã. E aí é, sabe, já tinha é como você virasse uma chave. Aquela liberdade que a gente estava tendo, de fazer grupinhos na praça, né e conversar. A gente, eu que vinha, por exemplo, DO Santos Dumont para trabalhar na livraria, nós parávamos ali no Pedro II ou se não nas esquinas tinha duas bancas de revista ali o pessoal discutia, Ribeirão Preto discutia muito política porque tinha um movimento estudantil aqui em Ribeirão Preto, sabe e também movimento estudantil e movimentos de

trabalhadores rurais na região a partir do comunista trabalhava muito isso e tinha também na área do operariado. Então quer dizer todo mundo ali se conhece e vai ouvir como é que tá não sei o que ia fazer naquele. Sabe aquela, duas pessoas eram toleradas. Se tivesse três vinha a dupla de dois soldadinhos. Eles vinham na praça, eles faziam rodavam praça aí virou até é um apelido para eles Cosme e Damião. Eu senti aquela liberdade que a gente estava tendo, era começo dos festivais, não propriamente os festivais de 66, 67, mas tinha, por exemplo, muita coisa na UGT de cultura e de repente já não podia mais. Então assim. Você nota que já tinha cuidado antes do golpe, você dobra o cuidado. As pessoas falavam muito Baixinhos, sabe e assim falava baixo, porque falava cidade “tá assim de espião”. Porque os Espiões na verdade é fazia parte da Polícia Civil e da Polícia Militar também, porque aí eles poderiam ver assim ter suspeitas das pessoas conversando. Os mais velhos é que falavam “cuidado”, porque os mais velhos conheciam a tática deles. A gente começou a ter que fazer as coisas assim escondidas, porque a gente fazia brincadeira dançante. Fazia uma reunião e fazia uma brincadeira dançante enquanto tinha alguém reunido. Mas qualquer momento eles podiam chegar, né e ver porque tem vizinho que aponta o outro vizinho e nós moramos na casa que nessa época tinha vizinho que apontava. Era horrível, a gente não consegue, aquela angústia aquela respiração falta. Tudo que passa no cérebro e se espalha pelo corpo e pega exatamente, o pulmão tá gente, né? Porque você fica com aquilo assim, que você não consegue, você não sabe o que que é você, toma água. Come açúcar, faz o que for e aquela ansiedade, aquela coisa por horrível que parece que não passa.

O que era essa brincadeira dançante?

Lá de casa ninguém desconfiava, porque nós viemos de Goiás para cá e fomos morar lá nessa casa, onde passou todo o golpe. Aonde a gente morava que era na João Clap. Lá a gente fazia muita brincadeira dançando, que é assim: chamava assim brincadeira dançante, você põe uma vitrola, uma eletrola tocando a música do momento, né? E você comprava lá uma Coca-Cola, algumas coisinhas e a gente começou a fazer algum barulhinho com os nossos amigos. Chamava para dançar e tal, mas nem eles sabiam que estava tendo reunião em algum quarto da casa e aquela brincadeira assim, né? Era reunião para coisa leve, porque se fosse coisa assim mais pesada, não dava para fazer na minha casa. Ela é pequena, então não dava para fazer a gente fazia no quintal, era uma área coberta, ali gente brincava, sabe? Eu adorava aquelas brincadeiras, aquele espírito de 17 anos de achar que estávamos enganando a polícia. E isso foi tudo assim no primeiro momento. Como que foi o primeiro momento, vai até dois meses a gente caminhando assim, até chegar no segundo mandato, que a coisa foi ficando mais séria ainda, até caminhar pra prisão. Veio o Castelo Branco, no segundo Mandato do Costa e Silva. Já era

mais legislações, porque eles começaram a governar por decreto lei, não mais pela constituição, né? Eles encostaram a Constituição de 45, né? Ou 46 acho que é 46. Governaram através de decreto-lei de ato revolucionário, atos da revolução, o que eles colocavam.

Como foi a sua prisão?

Foram me chamando para São Paulo, eu sabia que eu não ia ficar em São Paulo, poderia ir para qualquer lugar no Brasil ou para o exterior. E aí nesse caso eu até ia para o exterior. Porque eu tive que tirar meu passaporte. Mas acabou não precisando. A ALN cresceu, começou a se espalhar pelo Brasil inteiro. Eu fui presa no dia 19 de setembro de 69. Eu sou presa, sou levada para operação Bandeirantes e fico quatro meses, até ser transferida. No presídio Tiradentes eu fiquei três anos e dois meses. Até o dia que eu saí, dia 18 de dezembro de 72. Eu fiquei presa três anos e três meses. Sabe eu não tinha um advogado, não tinha nada. As outras companheiras também estavam ali dentro sem saber nada. A gente sabia como é que a gente ia ser tratado, você saía de lá para ser agredida, tortura. E foi isso, fiquei lá esse tempão? Eu não saí como a grande maioria das pessoas saíram, que era um alvará de soltura que o diretor do presídio entregava. Meu alvará o juiz mandou para o Carlos Alberto Brilhante Ustra. Se você quiser eu não tenho tempo agora de procurar no meu computador, mas eu já até tinha escaneado porque eu mostro isso para todo mundo, porque tem gente que acha que é uma mentira isso e eu não vou mentir. Ele falou para mim: Se você cair na besteira de se ligar de novo com esses seus colegas seus companheiros seus colegas, você não vai ter uma segunda chance. Você vai ficar caída na calçada com a boca cheia de formiga desse jeito. Ele falou eu só tive uma sensação assim, eu olhei nos olhos dele enquanto ele falava comigo, olhava no olho dele, não fiquei de cabeça baixa. Não estava fazendo nenhum um desaforo para ele, eu estava olhando nele. Essa imagem assim me acompanhou bastante tempo, mas não foi não fiz nunca fiz drama disso, mas você vê que é tão impactante essas coisas porque você fala. Poxa, como é que será? E esse e o isso me acompanhou assim por muito tempo. Falei, que isso, imagina se ele vai me deixar na calçada com a boca cheia de formiga para poder chegar formiga no cadáver você não fica na calçada só se a cidade for deserta, né? Então é essas coisas assim que sabe que não mexe um pouco, né com a gente. Nisso eu fiquei olhando para ele e ele olhava, eu acho que ele achava assim, ela tá me desafiando. Ah, mas eu não queria, eu não estava desafiando. Eu queria ver o que que vinha mais depois disso, estava olhando para ele.

Entrevistado: Pedro Colucci

Formato: Presencial

A questão aborda a capacidade humana de abdicar de desejos individuais em favor do coletivo. Como por exemplo, a realidade de muitos militantes da cidade que mesmo após serem presos e torturados, não desistiram da militância. Esse tipo de atitude se relaciona com a nossa condição de ser social? Como seres que se completam na coletividade?

A resiliência do povo brasileiro em afrontar uma ditadura militar é de ser reconhecida, vários militantes, como por exemplo, o presidente da república, foram alvos de perseguições políticas, prisões arbitrárias, entre outras questões. Essa resistência é fruto de uma conexão com uma ideia de futuro melhor, pois a luta pelos menos afortunados, os perseguidos, os indesejáveis na visão do grupo militar, era algo que unificava esses povos, algo que mantinha o espírito de luta vivo, mesmo sendo constantemente massacrados e oprimidos pelo poder público.

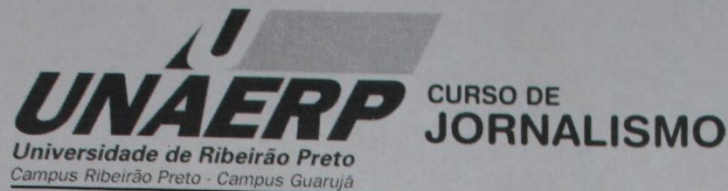
O que o período de ditadura militar representou para o país?

O período da ditadura militar representou uma época de extrema opressão e repressão a grupos minoritários na sociedade, como os grupos socialistas, lgbt, homens e mulheres negras, entre outros. Essa repressão trouxe danos irreversíveis para várias famílias que tiveram entes queridos sendo executados a sangue frio pelas mãos dos militares. Portanto, o período militar marca uma ruptura grande no tecido social brasileiro, pois representa uma era de brutalidade militar, policial e de repressão e perseguição a grupos políticos que não compactuavam com os ideais do grupo majoritário no governo.

Em termos de sociedade, qual a importância de mobilizações sociais, como a resistência, em termos de construção de um presente e futuro melhor?

A resistência brasileira em frente a ditadura militar teve seus frutos em direitos conquistados na elaboração da constituição de 88, pois na constituinte tivemos representantes dos grupos que foram oprimidos, portanto, tivemos reivindicações sendo tantas atendidas, como negadas. Essas conquistas são vistas até os dias de hoje, quando vemos pessoas tendo os seus direitos resguardados pela constituição brasileira. Além disso, tivemos a consolidação de movimentos sociais na política nacional e o surgimento de partidos importantes para o cenário político brasileiro, tendo o maior exemplo, o PT. Portanto, a resistência brasileira teve seus frutos colhidos após o fim da ditadura militar brasileira.

ANEXOS

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Leopoldo Paulino,
 abaixo firmado e identificado(a), autorizo,
Larissa Kelly Costa Lima, estudante do Curso
 de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e
 também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC –
 Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título:
Bíblia - Pilatos de resistência à ditadura militar em Ribeirão Preto
 e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a)
Murilo Pinheiro

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 08 de agosto de 2023.

Assinatura: Leopoldo Paulino

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Maria Aparecida dos Santos,
 abaixo firmado e identificado(a), autorizo,
Larissa Kelly Costa Vieira, estudante do Curso
 de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem e**
 também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC -
 Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título:
Litêrula - Rótulo de resistência à
ditadura militar em Ribeirão Preto
 - e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a)
Muriel Pinheiro

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 25 de novembro de 2023.

Assinatura: _____

Maria Aparecida dos Santos

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Pedro Colucci
 abaixo firmado e identificado(a), autorizo
Carina Kelly Costa Lima, estudante do Curso
 de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar minha imagem e
 também informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC -
 Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título:
Exibida - Relato de resistência à
ditadura militar em Ribeirão Preto
 e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a)
Murilo Pinheiro

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 26 de novembro de 2023.

Assinatura: Pedro Colucci



Instituto Moreira Salles

TERMO DE LICENCIAMENTO DE IMAGEM

TCCIAF nº 588/2023

1. DADOS DA(S) IMAGEM(S)

Código de catalogação do IMS: vide Anexo

Autor: Evandro Teixeira

Título: vide Anexo

Local: vide Anexo

Data: vide Anexo

2. DADOS DO REQUERENTE

Nome: ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP

Endereço: AVENIDA COSTABILE ROMANO, 2201 - BAIRRO RIBEIRANIA - CEP: 14.096-380 - RIBEIRÃO PRETO -

CNPJ.: 55.983.670/0001-67

I.E.: 582.319.288.117

Contato: Larissa Kelly

larissa.kostav@gmail.com

3. DADOS DO LICENCIAMENTO

Finalidade de Uso e/ou Reprodução: ilustrar trabalho acadêmico intitulado *MEMÓRIAS DA DITADURA MILITAR - RELATOS DE SOBREVIVENTES DA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO* (título provisório), autora LARISSA KELLY COSTA VIEIRA, orientador MURILO PINHEIRO, curso JORNALISMO, UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO (UNAERP).

Tipo de Reprodução: arquivo digital**Quantidade de imagens:** (3) três imagens**Valor do Licenciamento da Imagem:** Isento**Veiculação:** tipo: (acadêmico)**horário:****período:** (2023)

4. CONDIÇÕES DO LICENCIAMENTO

O IMS declara, neste ato e na presente data, ser o legítimo titular dos direitos que são o objeto deste Termo de Licenciamento.

O licenciado recebe neste ato autorização para reproduzir a(s) imagem(s) a que se refere o presente Termo de Licenciamento, assumindo total responsabilidade por sua utilização. Reconhece que a(s) referida(s) imagem(s) possui(em) valor inestimável e obriga-se a:

(i) não usá-la(s) em qualquer finalidade exceto aquela indicada neste Termo de Licenciamento;

(ii) veicular a(s) imagem(s) na sua integridade, sem cortes, rasuras ou inscrições que possam descaracterizar o seu sentido original, reconhecendo, desde já, estar sujeito a responder por perdas, danos, custos e demais despesas, sem prejuízo de outras cominações legais que a ele possam ser impostas, em decorrência da utilização da(s) imagem(s) em desacordo com as condições aqui estabelecidas;

(iii) não comercializar ou auferir qualquer forma de benefício financeiro com a(s) imagem (s) licenciada(s), que não a decorrente da finalidade prevista neste Termo de Licenciamento;

(iv) citar, caso venha a utilizar a(s) imagem(s) em qualquer meio de divulgação, o seguinte crédito

obrigatório: *Evandro Teixeira /Acervo Instituto Moreira Salles;*

(v) destruir o(s) material(s) fotográfico(s) e/ou digital cedido(s), sob pena de cobrança de valores adicionais de licenciamento para cada uso não previsto neste Termo de Licenciamento, sem prejuízo da indenização por uso não autorizado, bem como demais perdas e danos sofridos pelo IMS.

DocuSign Envelope ID: 5667F74F-B10B-45BA-8E0D-D20A717253BC

O licenciado deverá obter as autorizações do retratado ou de seus herdeiros, isentando o IMS de toda e qualquer responsabilidade por violação ao direito de imagem de terceiros.

O Requerente se compromete a enviar ao IMS uma cópia digital **em formato pdf** do trabalho e/ou publicação em que a(s) imagem(s) tenha(m) sido utilizada(s). Fica a critério do IMS, em caso de interesse, solicitar o envio de um exemplar físico.

Nome e assinatura do Requerente: DocuSigned by: LARISSA KELLY COSTA VIEIRA
LARISSA KELLY COSTA VIEIRA
CPF: 463.235.808/88 | RG: 53.951.866-9

São Paulo, 16 de agosto de 2023. DocuSigned by: Bianca Mandarino da Costa Tiburcio
Autorizado IMS: _____

Crédito: Evandro Teixeira/Acervo Instituto Moreira Salles

- 1) Baionetas e libélulas. Aterro do Flamengo. 21/05/1966
Rio de Janeiro
- 2) Passeata dos Cem Mil na Cinelândia, 26/06/1968
Rio de Janeiro
- 3) Golpe Militar no Brasil. Tomada do Forte de Copacabana às 05 da manhã. Rio de Janeiro, 01/04/1964